

## UMA ECOENCÍCLICA (Moisés Sbardelotto)



“Louvado sejas, meu Senhor, pela nossa irmã, a Mãe Terra.” Essas palavras de Francisco de Assis no século 13, são retomadas por outro Francisco, Bispo de Roma, no século 21, como inspiração para a sua nova encíclica, intitulada: ‘Laudato Si’ (Louvado Sejas). Uma verdadeira ecoencíclica, centrada no “urgente desafio de proteger a nossa casa comum”(nº 13).

É um documento papal histórico, pois se trata da 1ª encíclica a abordar exclusivamente – e extensivamente – a criação, que é tanto nossa “irmã, com quem partilhamos a existência”, quanto a nossa boa mãe, que nos acolhe nos braços”(nº 1).

E, “na tradição judaico-cristã, dizer ‘criação’ é mais do que dizer natureza, porque tem um projeto do amor de Deus, em que cada criatura tem um valor e um significado”, é “um dom que vem de mãos abertas do Pai de todos(...) que nos chama a uma comunhão universal” (nº 76).

Se Francisco quer uma “Igreja pobre e para os pobres”, a ‘Laudato Si’ lembra a todos os cristãos e cristãs que, “entre os pobres mais abandonados e maltratados, conta-se a nossa terra oprimida e devastada, que ‘geme e sofre as dores do parto(Rm 8,22)’” (nº22). E, quando se usa de modo irresponsável ou se abusa dos bens que ela nos oferece, “esquecemo-nos de que nós mesmos somos terra”(ibidem). Assim, acabamos aumentando uma “grave dívida social com os pobres”(nº30), que insere no marco de “uma verdadeira ‘dívida ecológica’, particularmente entre norte e Sul”, em os povos em desenvolvimento e a biosfera alimentam o progresso dos países mais ricos “à custa do seu presente e do futuro” (nº52).

Com a ‘Laudato Si’, Francisco deseja lançar um “convite urgente”: a “renovar o diálogo sobre a maneira como estamos construindo o futuro do planeta”, um “debate que nos une a todos, porque o desafio ambiental que vivemos e as suas raízes humanas dizem respeito e têm impacto sobre todos nós”(nº 14). Francisco sabe que, para a crise ecológica, “Não existe só um caminho de solução”, mas sim “uma variedade de contribuições que poderiam entrar em diálogo a fim de se chegar a respostas abrangentes” (nº 60). Por isso, defende uma “nova solidariedade universal”, um “desenvolvimento sustentável e integral”, na confiança de que “as coisas podem mudar”(nº13).

**O documento – A** ‘Laudato Si’ é um documento amplo, com seis capítulos, 246 parágrafos e quase 200 notas de rodapé. Nele, Francisco dialoga com inúmeros interlocutores: Documentos, santos e doutores da Igreja; autores diversos (...) Trata-se de um texto fortemente ecumênico, em que Francisco dedica nada menos do que três parágrafos ao pensamento do patriarca ecumênico Bartolomeu, da Igreja Ortodoxa, reconhecido pela sua preocupação ecológica. O papa cita diversas frases do coirmão, por exemplo, quando afirma que um “crime contra a natureza é um crime contra nós mesmos e um pecado contra Deus”(nº 8), ou quando convida a “aceitar o mundo como sacramento de comunhão”(nº9). Assim a Encíclica assume diversas contribuições – religiosas, mas também seculares, católicas mas também ecumênicas –, enriquecendo o magistério social da Igreja.

**Para o Mundo – A** ‘Laudato Si’, contudo, não se restringe à Igreja, nem mesmo apenas ao público cristão, tanto que a 1ª das duas orações finais da encíclica também pode ser rezada pelos fiéis de outras tradições religiosas que acreditam em DEUS. Tendo em vista a deterioração global do ambiente, o papa se dirige a um público mais amplo: “a cada pessoa que habita neste planeta”(nº3). Por isso, ele invoca o modelo de São Francisco, reconhecido por “todos os que estudam e trabalham no campo da ecologia, amado por muitos que não são cristãos”(nº10). Para o papa, o Pobrezinho de Assis é “exemplo por excelência do cuidado frágil e por uma ecologia integral”, na qual é impossível separar “a preocupação pela natureza, a justiça para com

o s pobres, o compromisso com a sociedade e a paz interior”(ibidem). Francisco de Roma vê no seu homônimo de Assis uma abertura para a contemplação da natureza que ajuda a superar três posturas criticadas pelo papa em relação à criação: a do dominador, do consumidor ou de um mero explorador dos recursos naturais.

Na sua organização interna, o documento segue o método “ver-julgar-agir”, como o Documento de Aparecida, fruto da 5ª Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe, em 2007, da qual o então cardeal Bergoglio foi o principal relator. O 1º capítulo da ‘Laudato Si’ envolve o gesto de ver “o que está acontecendo na nossa casa”, como diz o título. Nele Francisco passa em resenha os vários aspectos da crise ecológica, assumindo os frutos da pesquisa científica atual, deixando-se “tocar por ela em profundidade” (nº15). O 2º capítulo é outro olhar, teológico, sobre a ecologia a partir da tradição judaico-cristã, em que o papa relê “o evangelho da criação”. Depois, Francisco busca “chegar às raízes da situação atual, de modo a identificar não apenas os seus sintomas, mas também as causas mais profundas”(nº15) e, no capítulo 3, discerne e julga “a raiz humana da crise ecológica”. Por fim, oferece “grandes linhas de diálogo e de ação que envolvem seja cada um de nós, seja a política internacional”(nº15), propondo “uma ecologia integral” (capítulo 4) e “algumas linhas de orientação e ação” (capítulo5), mediante um “caminho educativo” que passa pela “educação e espiritualidade ecológicas”(capítulo 6).

**Ecologia Integral – A** ‘Laudato Si’ insere-se na perspectiva da inter-relação e da ecologia integral: a afirmação de que “tudo está interligado” aparece cinco vezes ao longo da encíclica. Segundo Francisco, a existência humana se baseia em três relações fundamentais intimamente ligadas: “as relações com Deus, com o próximo e com a terra”(nº66). Esse reconhecimento “exige uma preocupação pelo meio ambiente, unida ao amor sincero pelos seres humanos e a um compromisso constante com os problemas da sociedade”(nº91). Portanto não há duas crises separadas – ambiental e social – mas uma única e complexa crise socioambiental”(n139).

Por isso, Francisco distancia-se tanto de um “antropocentrismo” que situa o ser humano como senhor do universo, quanto de um “bicentrismo”, que apenas inverte o lado da moeda, divinizando a terra. Para o papa, “não há ecologia sem uma adequada antropologia”(nº118), na qual o conceito de ser humano deve ser estendido no sentido de um “administrador responsável” da criação(nº 116). Para o papa, “uma verdadeira abordagem ecológica sempre se torna uma abordagem social, que deve integrar a justiça nos debates sobre o meio ambiente, parra ouvir tanto o clamor da terra como o clamor dos pobres”(nº49).

O papa também critica o “paradigma tecnocrático”(nº101) em que a técnica – embora com inegáveis contribuições – se manifesta principalmente como “uma técnica de posse, domínio e transformação. É como se o sujeito tivesse à sua frente a realidade informe totalmente disponível para a manipulação”(nº106). Dada a complexidade da crise ecológica e as suas múltiplas causas, Francisco afirma que “as soluções não podem vir de uma única maneira de interpretar e transformar a realidade”(nº63). A técnica e a ciência são apenas uma resposta dentre outras. “É necessário recorrer também às diversas riquezas culturais dos povos, à arte e à poesia, à vida interior e à espiritualidade”, afirma o papa.

Ao contrário do que prega a “mentira da disponibilidade infinita dos bens do planeta”(nº106), não podemos “pensar nas diferentes espécies apenas como eventuais ‘recursos’ exploráveis”(nº33). Por culpa da depredação e da extinção da biodiversidade, “milhares de espécies já não darão glória a Deus com a sua existência, nem poderão nos comunicar a sua própria mensagem”(nº33). Não temos o direito de fazer isso, exclama Francisco. Ao contrário, “cada criatura tem uma função e nenhuma é supérflua. Todo o universo material é uma linguagem do Amor de Deus, de seu carinho sem medida por nós. O solo, a água, as montanhas: tudo é carícia de Deus”(nº84).

**Amazônia** – Pensando especificamente no Brasil, dois parágrafos se destacam. No nº 38, o papa olha com preocupação para a Amazônia, “pulmão do planeta repleto de biodiversidade”. E denuncia “os enormes interesses econômicos internacionais” e as “propostas internacionalização da Amazônia que só servem aos interesses econômicos das corporações internacionais”, que “podem atentar contra as soberanias

nacionais“. Segundo Francisco, cada governo é chamado a “cumprir o dever próprio e não delegável de preservar o meio ambiente e os recursos do seu país, sem se vender a espúrios interesses locais ou internacionais”.

Já o parágrafo 146 diz respeito à questão indígena, tão antiga quanto a polêmica de nossas terras. Para Francisco, as comunidades aborígenes “não são apenas uma minoria entre outras, mas devem tornar-se os principais interlocutores, especialmente quando se avança com grandes projetos que afetam os seus espaços”. O papa afirma que, para os índios, a terra não é um bem econômico, mas um “dom gratuito de Deus e dos antepassados que nela descansam, um espaço sagrado com o qual precisam interagir para manter a identidade e os seus valores”. E, quando conseguem permanecerem nos seus territórios, são eles que mais bem cuidam, afirma Francisco.

A Igreja, porém, não quer se intrometer nas políticas específicas dos Estados, nem se envolver com ideologias partidárias. Francisco aponta para a “Política” com maiúscula, “uma das formas mais preciosas da caridade”(Evangelii Gaudium, nº 205). Por isso, na ‘Laudato Si’, ele defende o “amor social”, ou seja, um amor “cheio de pequenos gestos de cuidado mútuo, também civil e político, manifestando-se em todas as ações que procuram construir um mundo melhor”(nº231).

Para o papa, a atual crise ecológica é um apelo a uma “profunda conversão interior”, a uma “conversão ecológica”, que passa necessariamente por uma “conversão comunitária”(nº217). Isso significa “deixar emergir, nas relações com o mundo que nos rodeia, todas as consequências do encontro com Jesus” (ibidem). E isso também se manifesta mediante o “dever de cuidar da criação com pequenas ações diárias”, como “evitar o uso de plástico e papel, reduzir consumo de água, separar o lixo, cozinhar apenas aquilo que razoavelmente se poderá comer, tratar com cuidado outros seres vivos, utilizar transporte público ou partilhar o mesmo veículo com várias pessoas, plantar árvores, desligar as luzes desnecessárias”(nº211). “E não se pense que esses esforços são incapazes de mudar o mundo”, afirma Francisco. “Essas ações espalham na sociedade, um bem que frutifica sempre para além do que é possível constatar”. (nº 212).

A partir de São Francisco, o papa convida a praticar a sobriedade e a solicitude, renunciando “a fazer da realidade um mero objeto de uso e domínio”(nº11). E a sobriedade, “vívda livre e conscientemente, é libertadora”(nº222). Como o santo de Assis, é preciso regressar à simplicidade, evitar a dinâmica do domínio e da mera acumulação de prazeres. “trata-se da convicção de que ‘menos é mais’”(ibidem), da recuperação dos distintos níveis de equilíbrio ecológico: o interior consigo mesmo, o solidário com os outros, o natural com todos os seres vivos, o espiritual com Deus”(nº210). Trata-se de um modo específico de pensar, sentir e viver que o papa chama de “espiritualidade ecológica”(nº216), uma “espiritualidade da solidariedade global que brota do Mistério da Trindade”(nº240).

“Para além do sol”, como diz o papa em profunda poesia, “na expectativa da vida eterna, unimo-nos para tomar a nosso cargo esta casa que nos foi confiada, sabendo que aquilo que há nela será assumido na festa do céu”(nº244).

“Caminhemos cantando”, convida Francisco: “Que as nossas lutas e a nossa preocupação por este planeta não nos tirem a alegria da esperança”(ibidem).

(Texto extraído da Revista Família Cristã – 07/2015 – nº 955)